

# IV ConPaz

Paz, Justiça e Fraternidade

Diálogo sobre o Direito no Pós-Pandemia

## PAZ, JUSTIÇA E FRATERNIDADE SEGUNDO A *FRATELLI TUTTI* DO PAPA FRANCISCO

Nilo Agostini<sup>1</sup>

Resumo: O tema da Paz, Justiça e Fraternidade encontra na carta encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, uma fundamentação que brota tanto do Evangelho como do próprio magistério papal. Descreve a realidade de um mundo fechado, com suas sombras, e propõe a amizade social como caminho. Esta supõe o diálogo em prol de uma cultura calcada no amor ao outro, no cuidado dele, sem fronteiras. Requer, igualmente, uma política em favor do bem comum, do desenvolvimento integral do ser humano e da atenção aos vulneráveis. O Papa apresenta percursos de um encontro com os outros valorizando a diversidade que compõe como num poliedro a riqueza da humanidade, sem homogeneizar a sociedade, com processos de cura como o perdão e a reconciliação.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, com estágio na Escola de Altos Estudos de Paris, em 2018. Doutor e Mestre em Teologia Pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França, 1989 e 1986, onde também obteve o Diploma de Estudos Aprofundados em Teologia, em 1987. Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP, 2008, por aproveitamento do curso livre de Teologia do Instituto Filosófico-Teológico Franciscano, Petrópolis, RJ, 1983. Foi professor, entre outras, em instituições como o Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, a PUC-Rio, a USF com sede em Bragança Paulista. Hoje, é professor colaborador da FACASC.

Palavras-Chave: Paz, Justiça; Fraternidade; Diálogo; Papa Francisco; Fratelli Tutti.

## PEACE, JUSTICE AND FRATERNITY ACCORDING TO FRATELLI TUTTI OF POPE FRANCIS

**Abstract:** The theme of Peace, Justice and Fraternity finds in the encyclical letter *Fratelli Tutti*, by Pope Francis, a foundation that springs both from the Gospel and from the papal magisterium itself. It describes the reality of a closed world, with its shadows, and proposes social friendship as a path. This presupposes dialogue in favor of a culture based on love for the other, on care for him, without borders. It also requires a policy in favor of the common good, the integral development of the human being and attention to the vulnerable. The Pope presents paths of an encounter with others, valuing the diversity that composes the wealth of humanity as in a polyhedron, without homogenizing society, with healing processes such as forgiveness and reconciliation.

**Keywords:** Peace, Justice; Fraternity; Dialogue; Pope Francis; Fratelli Tutti.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS



carta encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco atrai a nossa atenção para a paz, a justiça e a fraternidade, tema do IV Congresso Latino-americano da Paz – IV ConPaz. O Papa inspira-se em São Francisco de Assis para nos propor uma “forma de vida com sabor do Evangelho” (FRANCISCO, 2020, n. 1)<sup>2</sup>. “Feliz quem ama o outro”, afirma Francisco, e isto para além das fronteiras, pois aí reside o “essencial de uma

---

<sup>2</sup> Para as citações que seguem no texto, utilizaremos a sigla *FT*.

fraternidade aberta”, ao “reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas” (FT 1). Este é o caminho para uma “amizade social” e, semeando a paz por toda parte, fundada na justiça, cabe-nos lembrar sempre “dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos” (FT 2), como enfatiza reiteradamente o Sumo Pontífice.

O Papa nos pede um coração sem fronteiras, pois a grandeza do amor está em abraçar a todos, a fidelidade ao Senhor está em nutrir um amor que, ao mesmo tempo, se faz humilde e fraterno. Estaremos, assim, comunicando o amor de Deus. “Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus” (1Jo 4, 16). Consequentemente, este amor nos faz sonhar com uma “sociedade fraterna”, na qual, mais do que muralhas, precisamos construir pontes de fraternidade e amizade social, capazes de incluir as periferias. Lembremo-nos sempre de que Deus “criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos” (FT 5).

Francisco quer, com isso, reavivar o sonho de fraternidade e amizade social. Diante das “formas atuais de eliminar ou ignorar os outros”, o Papa apresenta um “novo sonho de fraternidade e amizade social” (FT 6). Pede que não fiquemos em meras palavras. Constata que em meio à pandemia do Covid-19 fomos “incapazes de agir em conjunto”, vivemos “fragmentados” na solução dos problemas, apesar de “superconectados” por tecnologias avançadas (FT 7). Afirma-nos:

Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente [...]; precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (FT 8). Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra (FT 8).

O percurso feito pelo Papa lembra-nos a revitalização, em nossos dias, da exigência ética, pautada na dinâmica da alteridade, numa afirmação crescente da vida (AGOSTINI, 2010, p.

20; 88-93). Ele inscreve o seu discurso no contexto da Doutrina Social da Igreja que, pela sua riqueza e tradição, “busca captar justamente as dimensões éticas dos problemas humanos, identificando as responsabilidades do ser humano e aguçando, a partir da fé, o sentido moral do seu agir” (AGOSTINI, 2002, p. 202). Diante do atual contexto histórico-social que passa por grandes transformações, Francisco aciona a ciência teológica para “acompanhar atentamente as mudanças em curso e buscar respostas à altura dos desafios de nosso tempo” (AGOSTINI, 2019, p. 297). Aguça o sentido pessoal e social da responsabilidade humana, discerne as estruturas de pecado e chama atenção para a nossa participação no pecado social. No entanto, “a experiência de fé, alimentada pela espiritualidade cristã, nos leva à vivência da reconciliação e da misericórdia; esta vivência é sinal de autenticidade, porque sinaliza para uma vida alimentada pelo amor e nele amalgamada” (AGOSTINI, 2021, p. 104).

## 1. AS SOMBRAS DE UM MUNDO FECHADO

O Papa Francisco faz uma leitura do contexto atual, na qual constata sinais de regressão de um mundo fechado. Leia-mos:

A história dá sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos. Em vários países, uma certa noção de unidade do povo e da nação, penetrada por diferentes ideologias, cria novas formas de egoísmo e de perda do sentido social mascaradas por uma suposta defesa dos interesses nacionais (FT 11).

Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura padronizada, ao mesmo tempo que unifica o mundo, divide as pessoas e as nações; esta “sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos” (n. 12). A *Fratelli Tutti* faz a seguinte constatação:

Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo

massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, onde as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores. O avanço deste globalismo favorece normalmente a identidade dos mais fortes que se protegem a si mesmos, mas procura dissolver as identidades das regiões mais frágeis e pobres, tornando-as mais vulneráveis e dependentes. Desta forma, a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes econômicos transnacionais que aplicam o lema “divide e reinarás” (FT 12).

Ao constatar que há “uma perda do sentido da história que desagrega ainda mais” (FT 13), o Papa identifica a existência de “ideologias de variadas cores, que destroem (ou desconstruem) tudo o que for diferente, podendo assim reinar sem oposições” (FT 13). Verifica “novas formas de colonização cultural” que nos torna povos “sem alma”, sem “fisionomia espiritual”, sem “consistência moral”. Este acabam vivendo por imitação, sem rosto próprio e, “desfigurados”, esvaziam-se, tornando presa fácil da manipulação... (cf. FT 14).

Fruto da situação acima descrita, semeia-se com facilidade o desânimo e a desconfiança. Uma população exasperada é mais fácil de controlar e dominar, numa “prepotência do mais forte”, chegando à “destruição” do outro ou de quem pensa diferente (cf. FT 15). Cuidar das pessoas passa a não ser uma prioridade. Chega-se ao descarte de pobres, de deficientes, de nascituros, de idosos, assim como se descartam alimentos e bens supérfluos (cf. FT 19). Estamos falando do descarte e do abandono de seres humanos. “Há regras econômicas que foram eficazes para o crescimento, mas não de igual modo para o desenvolvimento humano integral... Aumentou a riqueza, mas sem equidade, e assim ‘nascem novas pobreza’”, constata o Papa (FT 21).

Este olhar sobre a realidade nos faz ver que, em nossos dias, os direitos humanos não são suficientemente universais. Por isso, a igual dignidade de todos os seres humanos deve ser “protegida e promovida em todas as circunstâncias”, dado que o

cenário é preocupante, conforme segue descrito:

Persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem. Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados (FT 22).

Deteriora-se a ética, enfraquecem os valores espirituais e o sentido de responsabilidade. Espalham-se a frustração, a solidão e o desespero. Parece que melhor mesmo é ter armas. Ficamos míopes e já não enxergamos com clareza a realidade, nem sequer as milhões de crianças que morrem de fome, verdadeiros esqueletos humanos da fome que atinge, além das crianças, milhões de outras pessoas (cf. FT 29). É como se não pertencêssemos à mesma humanidade, se não estivéssemos todos no mesmo barco. Vivemos isolados e fechados em nós mesmos (cf. FT 30), buscando o próprio bem-estar (cf. FT 31).

Ao levar esta percepção para o contexto da pandemia, o Papa Francisco busca tirar algumas lições ao verificar que a disseminação do Covid-19 nos mostrou que existe um “mal que prejudica a todos”, que “ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos” (FT 32). “Ficou a descoberto - acrescenta Francisco - uma vez mais, esta (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos” (n. 32). “Tudo está interligado” (FT 34). Somos um “nós”. É preciso que “a humanidade renasça” (FT 35). Recuperemos a paixão, o sentido de pertença, a solidariedade. Esta é a grande lição desta pandemia.

Só que a pandemia nos mostrou que não basta “a liberdade de mercado para garantir tudo”, comandado pelo lucro e a concentração de renda. A pandemia nos obrigou a pensar em todos os seres humanos, resgatando o senso de fraternidade; nos obrigou a pensar nos “nossos limites” e a “repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência” (FT 33).

Após fazer a leitura das sombras de um mundo fechado, o Papa nos convida a juntos buscarmos “a verdade no diálogo” (FT 50). Lembra que a sabedoria não é somatório de informações que, muitas vezes, vendem uma liberdade mais como ilusão individualista e de uniformização do mundo, obscurecendo os sentidos e nos afastando uns dos outros (cf. FT 50-54).

Francisco nos faz um convite à esperança. “Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor” (FT 55). Convida-nos a ousar, a “olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para nos abirmos aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna” (FT 55). “Caminheemos na esperança”, arremata o Papa (FT 55).

## 2. A PROPOSTA DO PAPA

O Papa Francisco foi buscar na parábola do bom samaritano o fundamento para a sua proposta (cf. Lc 10, 25-37). Destaca o diálogo travado com um doutor da lei sobre quem é “meu próximo” e a relação disto com a “vida eterna”, para concluir sobre quem realmente “usou de misericórdia”. E propõe com as palavras de Jesus: “Vai e faz tu também o mesmo” (Lc 10,37). Também lembra o relato de Caim que eliminou o seu irmão Abel, fazendo ressoar a pergunta de Deus: “Onde está Abel, teu irmão?” (Gn 4,9).

O Papa Francisco convoca-nos a “criar uma cultura diferente” (FT 57), calcada no “dever de amar o outro e cuidar dele” (FT 59) sem fronteiras. Convida-nos a não fazer aos outros o que não queremos que façam a nós (cf. Tob 4, 15). Encontramos na *Fratelli Tutti* (n. 60-61) várias citações bíblicas que nos fazem mergulhar nesta mensagem, entre as quais destacamos:

A misericórdia divina estende-se a todo o ser vivo (Sir 18, 13).

Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso (Lc 6, 36). Lembra-te que foste escravo na terra do Egito (Dt 24, 21-22). Toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: ama o teu próximo como a ti mesmo (Gl 5, 14). Quem ama o seu irmão permanece na luz e não corre perigo de tropeçar. Mas quem tem ódio ao seu irmão está nas trevas (1 Jo 2, 10-11).

A partir deste sentir e ouvir da mensagem bíblica, cabe desdobrar uma proposta que pense e gere um mundo aberto. O ser humano se realiza no dom de si mesmo, no encontro com os outros, com rostos concretos para amar. Há vida onde há vínculo, comunhão, fraternidade. Assim, são decisivas as relações e os vínculos de fidelidade; o que faz desta vida mais forte do que a morte (cf. FT 87). Destaca Francisco:

A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós «uma espécie de lei de “êxtase”»: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser (FT 88)... Impossível compreender-me a mim mesmo sem uma teia mais ampla de relações (FT 89)... Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que comunico com o outro (FT 87).

Superando intimismos egoístas, é sempre saudável a abertura aos outros, pois estes nos enriquecem e nos fazem crescer. Essa experiência pode se dar em relações de amizade, mas cabe abrir o coração saindo de nós e acolhendo a todos (cf. FT 89). Trata-se de ir ao “encontro com a humanidade mais além do próprio grupo” (FT 90), num “dinamismo de abertura” que é fruto da “caridade” que “Deus mesmo infunde” (FT 91), pois a “estatura espiritual duma vida humana é medida pelo amor” (FT 92). Assim, torna-se “possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos” (FT 94). Saímos do isolamento e abraçamos a comunhão universal, pois, como disse Jesus, “Vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8) (cf. FT 95). Cresce, assim, “a consciência da unidade e partilha dum destino comum entre as nações da terra” (FT 96).

O Papa convida-nos ao cultivo de um coração aberto ao mundo inteiro. “Como seres humanos, somos irmãos e irmãs”,



sublinha ele (FT 128). Esta afirmação deve ser tornar uma “verdade encarnada e concreta” (FT 128), lembra-nos o Papa, para quem os verbos a serem vividos são “acolher, proteger, promover e integrar” (FT 129), “abertos às diferenças... em nome da fraternidade humana” (FT 129). Isto deve ser vivido em meio às graves crises humanitárias, como a dos migrantes, destaca Francisco. Ajudá-los a ser integrarem pode ser “uma bênção, uma riqueza e um novo dom” para todas as partes (FT 135). A pobreza, a degradação, os sofrimentos de uns acabam por afetar toda a humanidade. E alargando o nosso olhar, o Sumo Pontífice leva-nos a pensar no encontro entre o Oriente e o Ocidente, chamados a se enriquecerem mutuamente.

Precisamos de um mundo interconectado pela solidariedade, em vista de um desenvolvimento que inclua também as nações mais pobres. Mais do que o utilitarismo, nos movamos pela gratuidade e pela acolhida fraterna, para além dos nacionalismos fechados (cf. FT 139-140). O olhar que subjaz é global, deixando para trás todo confinamento, para sermos “fermento” e “enriquecer, colocar em marcha mecanismos de subsidiariedade”, porque alimentados pela “fraternidade universal e a amizade social” (FT 142). Cada um oferece de sua riqueza, em diálogo aberto, numa contribuição para o bem de todos.

Não caíamos, em nossos dias, no orgulho e na ambição da Torre de Babel, ou seja, “o universal não deve ser o domínio homogêneo, uniforme e padronizado numa única forma cultural imperante, que perderá as cores do poliedro e ficará enfadonha” (FT 144). Superemos os narcisismos bairristas com uma saudável, sincera e cordial abertura ao universal. Esta atitude vai enriquecer-nos mutuamente e tornará saudável a nossa cultura, porque aberta e acolhedora (cf. FT 146). “Uma sã abertura nunca ameaça a identidade”, sublinha o Papa (FT 148).

As atitudes que alimentam as ações sejam alimentadas por uma forte opção de comunhão e mútua inclusão (cf. FT 149). Necessitamos uns dos outros. O espírito de vizinhança, somado

aos valores da gratuidade, solidariedade e reciprocidade (cf. FT 152), abrem-nos para o “nós”, sem que olhemos para os outros como inimigos ou concorrentes. Inclusive, “hoje, nenhum Estado nacional isolado é capaz de garantir o bem comum da própria população” (FT 153).

### 3. A POLÍTICA MELHOR, ALIMENTADA PELO DIÁLOGO E AMIZADE SOCIAL

Para realizar a fraternidade que vive a amizade social, “é necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum” (FT 154). Para isso, segundo a *Fratelli Tutti*, evite-se o desprezo dos vulneráveis (n. 155), a sociedade dividida (n. 156) e o enfraquecimento da democracia, para sonhar juntos um projeto comum, compartilhado, com objetivos comuns (n. 157). O Papa sublinha a necessidade de cultivarmos vínculos sociais e culturais bem como o sentido de pertença (cf. FT 158). Aponta para a vivência da caridade que, para ser verdadeira, se expressa tanto de pessoa para pessoa e chega aos irmãos e irmãs mais distantes. Por isso, a grande aposta é por uma “tarefa educativa” que desenvolva “hábitos solidários”, sem jamais esquecer da fragilidade humana (cf. n. 167).

Francisco é muito claro ao afirmar que precisamos orientar os mercados, frear a especulação financeira que busca o lucro fácil, para voltar a colocar a dignidade humana no centro (cf. FT 168). Enfatiza a busca de um desenvolvimento humano integral, sem deixar de fora o povo (cf. FT 169). Afirma, de forma lapidar: “A justiça é um requisito indispensável para se realizar o ideal da fraternidade universal” (FT 173). E observa: “A política não deve submeter-se à economia” (FT 177). Para isso, rejeite-se o mau uso do poder, que resvala na corrupção, buscando sempre as reformas necessárias.

A política em sua grandeza inclui sempre o bem comum que se traduz numa “amizade social que integre a todos”,

tornando-se, assim, um “exercício alto da caridade”, revalorizando a política como uma vocação e vivência da caridade que é amor (FT 180). O Papa fala, então, em “amor social” (FT 183) e em “caridade política” (FT 182).

Busque-se “criar aquele poliedro bom onde todos encontram um lugar”, diz o Papa, num “intercâmbio de dons a favor do bem comum” (FT 190), sem cair na intolerância, no fanatismo, em lógicas fechadas, dividindo o povo (cf. FT 191). Vamos difundir a tolerância, a convivência e a paz (cf. FT 192), sem alimentar o ódio e nem o medo. Coloquemos amor em tudo o que fizermos, em tudo o que vivermos (cf. FT 197).

Para que isso se efetive, o Papa propõe o caminho do diálogo e da amizade social. Afirma: “Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isto se resume no verbo ‘dialogar’. Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar” [...]. “O diálogo... ajuda o mundo a viver melhor” (FT 198). De fato, o diálogo nos faz sair de nossos mundinhos fechados e, de maneira construtiva, nos coloca em contato com diversas riquezas culturais. Este deve ser aberto e respeitoso do ponto de vista do outro, sem se deixar levar por tentativas de manipulação (cf. FT 203). Importa sermos “sinceros”, “não manipular nem ocultar informações” (FT 203). É preciso desmascarar toda manipulação, deformação e ocultamento da verdade (cf. FT 208).

Reconhece a Encíclica que o diálogo se abre a “abordagens interdisciplinares”, a “distintas perspectivas e com diferentes metodologias” (FT 204). Esta postura nos leva a “reconhecer outras dimensões da realidade”..., “graças ao trabalho doutras ciências e conhecimentos”, permitindo “conhecer a realidade de maneira mais íntegra e plena” (FT 204).

Reconhece o Papa que “os *mass media* podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros” (FT 205), sendo solidários e firmando compromissos num encontro generoso e numa

busca sincera da verdade. Porém, sejamos vigilantes, alerta Francisco, pois “não podemos aceitar um mundo digital projetado para explorar as nossas fraquezas e tirar fora o pior das pessoas” (FT 205). Temos que nos precaver do relativismo, atentos sempre à verdade, resguardando a dignidade da pessoa humana (cf. FT 206-207).

É preciso ter cuidado quando poderes estabelecidos preferem uma “população adormecida e amedrontada”, buscando negar “direitos humanos fundamentais, hoje considerados invioláveis” (FT 209). Neste caso, acaba imperando a “lógica da força” e levando à “degradação” moral (cf. FT 210). Lemos na *Fratelli Tutti*:

A vida é a arte do encontro... É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque ‘o todo é superior à parte’ (n. 215). Ninguém é inútil, ninguém é supérfluo. Isto implica incluir as periferias (FT 215).

Necessitamos cultivar um “modo de viver” que seja fruto da “cultura do encontro”; isto significa que nos reconhecemos “como povo”, o que nos leva a “querer encontrar-nos, procurar pontos de contato, lançar pontes, projetar algo que envolva a todos” (FT 216). Este é o caminho para a “paz social”. “O que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de recolher as diferenças. Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro!” (FT 217).

Disto nasce um “pacto social” (n. 218), no qual o sonho de “liberdade, igualdade e fraternidade” não seja mera formalidade (cf. FT 2019), mas fruto de um verdadeiro diálogo que permeia a cultura como modo próprio de ser, sempre salvaguardando o “bem comum”, também quando for necessário ceder algo em nosso estilo de vida (cf. FT 221). Evite-se, para isso, o individualismo e a agressividade (cf. FT 222). Sejamos benignos, amáveis e suaves no trato uns com os outros (cf. FT 223-224).

#### 4. À GUISA DE CONCLUSÃO: PERCURSOS DUM NOVO ENCONTRO

Na parte final da *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco procura traçar percursos de um novo encontro, tendo como foco a paz, a fraternidade, enquanto fundadas na justiça. Afirma ele: “Em muitas partes do mundo, fazem falta percursos de paz que levem a cicatrizar as feridas, há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro” (FT 225). “A paz não implica homogeneizar a sociedade, mas permite-nos trabalhar juntos” (n. 228). Assim, todos ganham. Basta trabalhar em prol do bem comum.

Continua a enfatizar o Sumo Pontífice que a paz se constrói num “renovado encontro com os setores mais pobres e vulneráveis” (FT 233). Reconhecemos existir “uma história de desprezo e falta de inclusão social” (FT 234). Sejamos próximos e amigos dos pobres. Queremos “igualdade de oportunidades” e um “desenvolvimento humano integral” (FT 235).

Aponta igualmente para a necessidade do perdão e da reconciliação, como inerentes à mensagem de Jesus Cristo; esta mensagem nos convida a superar a violência e a intolerância, nunca para alimentar o “fatalismo, a inércia ou a injustiça”, nem “a intolerância e a violência” (FT 237-238). O Papa nos convida, a esta altura, ao serviço e ao perdão, para vivermos como aqueles que servem e como aqueles que perdoam “setenta vezes sete” (cf. FT 238). “Perdoar, enfatiza o Papa, não significa permitir que continuem a espezinhar a própria dignidade e a do outro, ou deixar que um criminoso continue a fazer mal” (FT 241). “A verdadeira reconciliação, observa Francisco, não escapa do conflito, mas alcança-se dentro do conflito, superando-o através do diálogo e de negociações transparentes, sinceras e pacientes” (FT 244).

“O perdão não implica esquecimento”, como as mortes

no holocausto ou na shoah, nas guerras, nas bombas de Hiroshima e Nagazaki, nos genocídios diversos. Isto “jamais deve ser tolerado, justificado ou desculpado, todavia podemos perdoar” (FT 250). Percorre as páginas finais da *Fratelli Tutti* o convite que o perdão seja pessoal, livre e sincero, quebrando o círculo vicioso das forças da destruição, pois “a vingança não resolve nada” (FT 251). Não se quer com isso admitir a impunidade. De modo adequado, aciona-se a justiça por respeito às vítimas.

No lugar das guerras, busque-se o vínculo da paz, o bem comum mundial. “Toda a guerra deixa o mundo pior do que o encontrou. A guerra é um fracasso da política e da humanidade, uma rendição vergonhosa, uma derrota perante as forças do mal” (FT 261). Da mesma forma, a pena de morte é inadequada; somos contrários a ela (cf. FT 263-270).

O Papa encerra a encíclica convidando as religiões a pôr-se a serviço da fraternidade no mundo. Destaca que “as várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade” (FT 271). Acrescenta que pela “experiência de fé e da sabedoria”, sabemos que “tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades” (FT 274), jamais para anestesiar as consciências ou servir a interesses ideológicos.

Cabe-nos, com nossa presença, “fecundar toda a vida social” (FT 276). “A Igreja ‘tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação’, mas busca a ‘promoção do homem e da fraternidade universal’” (FT 276). “Entre as religiões, é possível um caminho de paz... O amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião” (FT 281). “O culto sincero e humilde a Deus leva, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos

outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos” (FT 283).

Fica o convite final de que é preciso evitar os fundamentalismos e sermos dialogantes, construtores da paz, mediadores autênticos e artífices da paz, fomentando o encontro fraterno, como o fez São Francisco de Assis, bem como testemunharam não católicos como Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Mohandas Gandhi e muitos outros (cf. FT 286).



## REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Nilo. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- AGOSTINI, Nilo. *Ética: Diálogo e compromisso*. São Paulo: FTD, 2010.
- AGOSTINI, Nilo. *Moral Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 2019 (Iniciação à Teologia).
- AGOSTINI, Nilo. *Moral Catequética: Formação de Teologia Moral para catequistas*. São Paulo: Paulus, 2021 (Teologia para Catequistas).
- FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli Tutti*. Assis: 3 de outubro do ano 2020. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2020/10/4/enciclica-fratelli-tutti.html>>. Acesso em 10 jan 2022.